

3.900 (Três Mil e Novecentos) Pares de Orelhas?

Descrevendo a genealogia de Francisco Bueno Luiz da Fonseca e seus filhos, Pedro Taques, sobre uma de suas filhas informa:

1) “*Dona Isabel Bueno da Fonseca, casou com Bartolomeu Bueno do Prado, capitão-mor ajudante das Minas do Jacuí. Foi governador da expedição, que por ordem régia, que fez executar o governador José Antônio Freire de Andrade contra os foragidos e salteadores, que passavam de 1.000 pretos da Costa da Guiné, que ficaram inteiramente destruídos. Foi filho do capitão-mor Domingos Rodrigues do Prado. Em título de Prados. Faleceu em janeiro de 1768; jaz sepultado na capela do Rosário, freguesia das Carrancas da Comarca de São João Del Rei*”¹. Analisemos e comentemos essas informações:

A) Dona Isabel, a mulher de Bartolomeu, era irmã de Diogo Bueno da Fonseca que, juntamente com seu cunhado Bartolomeu, atacou o Quilombo do Cascalho em 1760. Fizeram experiência aurífera em todo o território das batalhas de 1759 e tomaram posse da Sesmaria do Quilombo do Ambrósio (destruído em 1746) situado a norte da atual cidade de Cristais – MG². Diogo continuou residindo em Carrancas e Bartolomeu foi morar do Arraial do Jacuí³.

B) “*Bartolomeu Bueno do Prado, capitão-mor ajudante das Minas do Jacuí*” – esse fato é confirmado por muitos documentos, inclusive pelo IMAR-MG, Cx. 155, Doc. 7, AHU, 09.12.1800, onde várias testemunhas repetiram “*que sabe por ver que é certo, logo que se fez a dita conquista acudiu povo numeroso àquele sertão por haver ouro, e se edificou uma povoação chamada Senhora da Conceição de São Pedro de Alcantra (e Almas) do Jacuí, onde se edificou um registro de contadoria com vezes de intendência comissária e na qual se trocam os dinheiros da Sua Majestade e mais não disse desta*”⁴. As magníficas ruínas dessa Intendência podem ser vistas até hoje na cidade de Jacuí - MG⁵. A

¹ Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica, Itatiaia/Edusp 1980, tomo I, pp. 97-98.

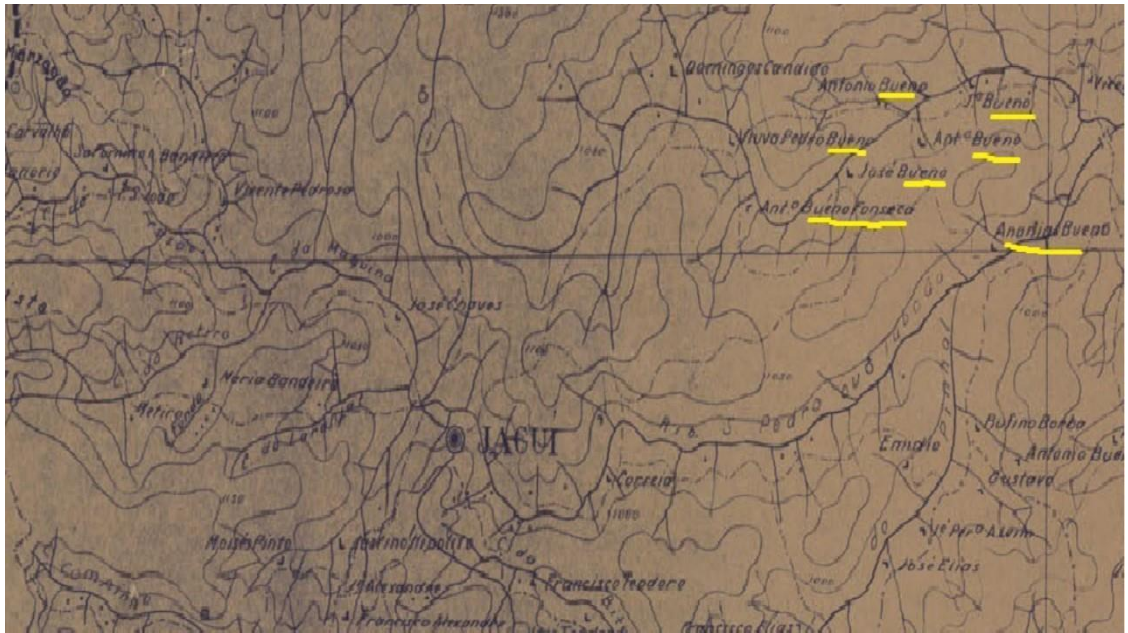
² Atas da Guardamoria de Carrancas (Guarda-mor Diogo Bueno da Fonseca) de out/nov-1760.

³ Entre as atuais cidades de Jacuí e São Pedro da União ficava o Quilombo do Zundum ou Zondum, com 80 casas, também destruído pelas tropas Bartolomeu Bueno do Prado.

⁴ <http://www.mgquilombo.com.br/site/Artigos/Pesquisas-Escolares/quilombos-do-campo-grande-e-sertes-do-jacu.html>

⁵ <http://www.mgquilombo.com.br/site/Imagens-Quilombolas/os-sertoos-de-jacu.html>

presença dos Buenos marcou a toponímia da cidade de Jacuí. Confira abaixo:



- C) Porém, não foi como “capitão-mor ajudante” de Jacuí que Bartolomeu atacou os quilombos e sim como “governador da expedição, que por ordem régia, que fez executar o governador José Antônio Freire de Andrade contra os foragidos e salteadores”... Realmente, apesar de terem tratado de um ataque às Relíquias do Quilombo do Ambrósio desde 1757 (região de Aguanil, Guapé e Cristais), o posto ou patente atribuído a Bartolomeu Bueno do Prado por José Antônio Freire de Andrade em 20 de junho de 1759 foi mesmo o de “governador e comandante” da expedição de 1759⁶. Os chamados “salteadores”, na verdade, eram pretos forros e paulistas pobres, habitantes de alguns arraiais dos Sertões do Jacuí, que nunca aceitaram a extinção da Capitania de São Paulo em 1748 e o abocanhamento do atual Sudoeste de Minas e, por isso, foram também massacrados como se quilombos fossem. Esse conjunto de 13 ou 15 quilombos dos Sertões do Jacuí, foi referido pelos Freire de Andrade como se fossem apenas um quilombo, a que chamaram de Quilombo do Sapucaí.
- D) Taques disse também “... que passavam de 1.000 pretos da Costa da Guiné, que ficaram inteiramente destruídos”. Os pretos da Guiné, a maioria chamada de “negros mina”, eram minoria nas Minas Gerais de então. Mais de 70% dos escravos e forros de então era de negros bantos (etnias do Congo, Angola e Moçambique). Em carta ao rei, datada 20 de novembro de 1752, a Câmara do Sabará, como argumento para se proibir o uso de armas pelos pretos, informou que “nos desertos destas Minas corresponde a cada branco mais de vinte escravos negros, que (...) juntando-se em bandos, fazem notável estrago de mortes e roubos nos moradores que vivem retirados em suas fazendas, nos

⁶ In Verbete nº 11295 do IMAR/MG, Cx. 155, Doc. 7, rolo 140, p. 90-b a 91-a e APM SC 114, fls. 111-111v de 20.06.1759 idem, a fls. 235v-136, mesma data e muitos outros documentos.

*viandantes e, às vezes, ainda nas vilas e arraiais*⁷. O monarquista Diogo de Vasconcelos registrou que em 1752, “*os quilombolas eram orçados em mais de vinte mil negros, mulatos e de permeio deles se contavam criminosos e facínoras*”⁸. Considerando o número de 6 habitantes por fogo (ou seja, por casa) de quilombola, estimamos, através do Mapa de Todo o Campo Grande⁹, que os 17 quilombos de sua Confederação teriam uma população de 10 a 15 mil habitantes quando da última Guerra de 1759¹⁰. Apenas a população dos quilombos dos Sertões do Jacuí (Quilombo do Sapucaí) chegaria a, no mínimo, 7 mil quilombolas. Pedro Taques, no entanto, falou em “apenas” “*1.000 pretos da Costa da Guiné*”, talvez, para não se referir aos milhares de pretos de outras etnias e, muito mais, aos paulistas pobres e mamelucos “*que ficaram inteiramente destruídos*” por Bartolomeu Bueno do Prado, ali nos Sertões do Jacuí, onde moravam e ficaram morando com suas famílias, este e seu cunhado Diogo Bueno da Fonseca. Evidente o sub dimensionamento desse número em relação à população quilombola total. Porém, como foi para diminuir a magnitude da mortandade, ninguém contrariou essa discrepância lógica e aritmética que salta de dezenas e dezenas de outros documentos.

2) Francisco de Assis Carvalho Franco (1886-1953) diz em seu “*Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil*”, sobre os ataques aos quilombos do Campo Grande (1759-1760), que “*refere Pedro Taques que Bartolomeu Bueno do Prado fez por essa ocasião grande mortandade entre os negros, tendo morto quase dois mil deles. Acreditamos haver exagero nessa referência (...) pois o seguinte documento (o único que citou) deve dizer melhor a verdade sobre o fato*”¹¹. Tratam-se de cartas que o governador interino, José Antônio Freire de Andrade, escrevera, na verdade, aos oficiais de todas as câmaras das vilas mineiras, informando-as de que Prado atacara em 16 de setembro de 1759 (sic) aos quilombos do Indaial e Serra da Marcela (Quilombo do Mammoí), onde teria matado “apenas” 74 quilombolas e prendido “apenas” 60 deles¹². Com base nisso, Carvalho Franco, em sua crédula e manifesta parcialidade, concluiu também erradamente que Prado cuidara mais em fazer prisioneiros do que matar os quilombolas. Apesar de informar que as tropas de Prado “*atingiram as regiões Piumhi, cabeceiras do São Francisco e Alto Sapucaí*”, reafirma o “exagero” da informação de Pedro Taques. Um sofisma não pode ser inocente.

⁷ Verbete nº. 5400 do IMAR/MG, Cx. 66, doc. 41 do AHU – 20 de novembro de 1752.

⁸ “História Média de Minas Gerais”, Itatiaia-Edusp de 1999, p. 151.

⁹ <http://www.mgquilombo.com.br/site/Mapa-qcg/mcqcg/mapa-da-confederacao-quilombola-do-campo-grande.html>

¹⁰ Quilombo do Campo Grande – História de Minas que se devolve ao povo, pp. 790-791.

¹¹ Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil, Itatiaia/Edusp, 1989, pp. 312-313.

¹² CC - Cx. 80 – 20135 São João Del Rei, 17.10.1759, Caixa 80 – Rolo 525 – APM.

A) Ninguém mais, a não ser Francisco de Assis Carvalho Franco, deu essa notícia de ter, Bartolomeu, “*morto quase dois mil*” quilombolas; lemos duas edições do Nobiliarquia e também não encontramos tal notícia.

B) Ora, o mapa da Confederação Quilombola do Campo Grande, incluindo o atual Triângulo Mineiro, mostra que os ataques de 1759 se fizeram a, no mínimo, 17 quilombos e não apenas a 2 quilombos. Esses números são confirmados no Processo de Justificação do neto de Bartolomeu Bueno do Prado¹³.

C) Ora, esse mesmo mapa dos quilombos do Campo Grande mostra que o Quilombo do Mommoí (Bambuí) tinha 150 casas e do Indaiá, 200 casas, totalizando, apenas nesses dois quilombos, uma população estimada em 2.100 quilombolas¹⁴.

D) Ora, falando apenas da matança que fez no Quilombo do Bambuí (150 casas – 900 quilombolas), o próprio Bartolomeu informou ao governador em 7 de outubro de 1759, que “*estava um fedil (sic) por todo o mato, daqueles mortos que se não acharam os corpos, senão por mostrá-los os corvos que os andavam comendo e, outros, no rio Bambuí, servindo-lhes o dito rio de sepultura, escapando muito poucos ou nenhum da morte*”¹⁵. Portanto, a regra foi o genocídio; o aprisionamento foi a exceção.

E) Ora, o próprio Gomes Freire de Andrade, sobre aos ataques aos quilombos do Bambuí, do Indaiá, do Ambrósio II (Ibiá) e da Pernaíba (Patrocínio), escreveu do Rio de Janeiro a Portugal, em 16 de dezembro de 1759, informando que “*recebo aviso de José Antonio Freire de Andrada de que felizmente se haviam destruído alguns quilombos que eram três ou quatro, e alguns deles já na Capitania de Goiás (Ambrósio e Pernaíba), todos subordinados a um maior, donde residia a negra corte e o chamado Rei a que os mais obedeciam. Ainda não me dá inteira conta, nem refere o número dos mortos; só sei, que entre eles acabara o chamado rei*”¹⁶.

F) Veja-se, pois, que José Antônio deu aos vereadores das câmaras das vilas mineiras, em setembro de 1759, informações completamente diferentes daquelas que teria dado a seu irmão, Gomes Freire de Andrade, em dezembro de 1759, sendo, essas duas informações completamente discrepantes daquelas que o próprio Bartolomeu Bueno do Prado (executor do genocídio) dera a José Antônio em outubro de 1759. É muita inocência daqueles historiadores que acreditaram e que ainda acreditam que os genocidas iriam confessar por escrito o número total do genocídio que praticaram contra pretos forros e escravos, além de mamelucos paulistas na chacina que teve como palco mais de 17 quilombos esparramados pelo Alto Paranaíba, Triângulo e Sudoeste mineiros.

G) Como se viu, Francisco de Assis Carvalho Franco – além de ter atribuído a Pedro Taques uma notícia que ninguém confirmou – quis, com base em um único

¹³ Verbete nº 11295 do IMAR-MG, Cx. 155, Doc. 7, AHU, 09.12.1800.

¹⁴ <http://mgquilombo.com.br/imagens/kilombo1.swf>

¹⁵ BMBCA-CSJR-PAP 144, fls. 69-70, de 07.10.1759.

¹⁶ AHU-ACL-N- Rio de Janeiro – documento AHU 82129 de 16.12.1759.

documento que falava de 2 quilombos, atestar um exagero de Pedro Taques na informação de que se teria matado “*quase dois mil*” quilombolas nas Guerras de 1759 a 1760. Esse historiador, em que pese a sua grande obra historiográfica, não era uma pessoa ignorante ou desatenta. Evidente, pois, a sua pouca vontade para com a importância da História do Negro em Minas Gerais; evidente a sua intenção de diminuir a magnitude da hecatombe ocorrida nas Guerras contra os Quilombos do Campo Grande, pois, essa magnitude poderia dar orgulho aos negros escravos, recém libertados na época em que escreveu seu Dicionário. Da mesma forma, o governador José Antônio, ao falar do ataque aos quilombos dos Sertões do Jacuí, alegara que Bartolomeu fora atacar a um único quilombo, chamado “Quilombo do Sapucaí”¹⁷.

3) Voltemos ao Nobiliarquia. Falando da nobreza dos Moraes Navarro, dos Almeida e dos Lara de Goiás, Pedro Taques noticia o tétrico fim do nobre paulista José de Almeida Lara que fora mutilado, furado e rasgado barbaramente pelos quilombolas “*nas minas do Pilar, Sítio da Papuã*”, hoje Pilar de Goiás – GO (cerca de 250 quilômetros ao norte de Goiânia). Fala da grande dor e agonia do pai do defunto, Manuel de Moraes Navarro, e da sua impotência para vingar o horrendo crime, ante a imobilidade das autoridades goianas. Porém, passando por aquele arraial em 1751, o governador goiano (1749-1755), dom Marcos de Noronha, autorizou que, naquela nova Capitania de Goiás, “*livremente se atacassem os quilombos, matando-se neles os negros que se pusessem em resistência, como se pratica em Minas Gerais; e ainda assim não cessam os roubos, mortes e insolências*”¹⁸.

3.1 – Assim, ante o crime bárbaro praticado contra uma pessoa – ao seu ver – de tão alta estirpe, em apoio ao direito de vingança desses nobres paulistas, Taques resolveu pôr para fora aquilo que sempre soubera sobre os atos de Bartolomeu Bueno nas Guerras aos Quilombos do Campo Grande, mesmo porque essa informação, ao mesmo tempo que legitimaria o direito de vingança dos Lara contra os quilombolas, do mesmo passo, não traria impopularidade para os Bueno da Fonseca e do Prado, já que estes viviam a mais de 160 léguas (mais mil quilômetros) de distância dos Lara. Vejamos:

3.1.1 – “*De sorte que, para se evitar um futuro levantamento dos pretos contra os brancos, se empenhou a atividade e ardor do coronel José Antônio Freire de Andrade (hoje conde de Bobadela), governador da Capitania de Minas Gerais, a vencer a Bartolomeu Bueno do Prado, por si e seus avós, para capitão-mor e conquistador de um quase reino de pretos foragidos, que ocupavam a campanha desde o rio das Mortes até o Grande, que se atravessa na estrada de São Paulo para Goiáses*”. Interpretemos com amarração a outros documentos.

A) A expressão “*hoje conde de Bobadela*” significa que Taques escreveu essa sequência ao seu verbete “*José de Almeida Lara*” muito depois de 1º de janeiro de

¹⁷ Quilombo do Campo Grande – História de Minas que se devolve ao povo, pp. 699-706.

¹⁸ Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica, Itatiaia/Edusp 1980, tomo I, p. 276.

1763, quando morreu Gomes Freire sem filhos, passando muito depois o seu título de conde de Bobadela a seu irmão José Antônio

B) Tratava-se mesmo de “*um quase reino de pretos foragidos*”, pois, cada quilombo tinha seu rei e estado e, todos eles, obedeciam ao rei do Quilombo do Ambrósio, como atestou o próprio Gomes Freire de Andrade em correspondência ao ministro da Coroa, Thomé Joaquim da Costa Corte Real, em dezembro de 1759, referindo-se ao Ambrósio II de Ibiá (encontrado evacuado), de que os quilombos eram todos “*subordinados a um maior, donde residia a negra corte e o chamado Rei a que os mais obedeciam*”¹⁹. Veja-se, pois, que Taques registrou corretamente esse fato de 1759 em benefício do direito de vingança dos nobilíssimos paulistas, os Lara de Goiás, por um fato ocorrido antes do ano de 1751.

C) Fica evidente, também, que, para catalogar os dados genealógicos, Taques deve ter se utilizado de um sistema de fichas ou folhas de papel arquivadas na ordem que quisesse, nas quais, durante a sua vida, foi acrescentando informações na medida em que pesquisava e, ao final, utilizando uma classificação familiar-numérica, escreveu suas brochuras ou livros manuscritos que, muito depois, vieram a ser copiados e recopiados no Brasil e em Portugal²⁰.

D) A expressão “*que ocupavam a campanha desde o rio das Mortes até o Grande, que se atravessa na estrada de São Paulo para Goiases*”. Note-se que a “*estrada de São Paulo para Goiases*” NÃO é a Picada de Minas para os Goiases. Essa estrada, sem dúvida é aquela que passava pelos Sertões do Jacuí, entre os rios Sapucaí e Pardo (afluentes esquerdos do rio Grande), tendo ao centro os rios São João e São Pedro de Alcantra (sic) do Jacuí, caminhos percorridos inversamente – da barra do rio Sapucaí no Grande, no rumo a São Paulo – por Bartolomeu Bueno do Prado em 1759²¹ e por Luiz Diogo em 1764²². Veja-se que, aqui, Taques omitiu o ataque aos quilombos do Bambuí, Indaiá (margem direita do rio São Francisco) e, novamente, os quilombos do Ambrósio II e Pernaíba (atual Triângulo Mineiro).

3.1.2 – Transcrevamos o final do verbete “*José de Almeida Lara*” legado por Pedro Taques em seu Nobiliarquia Paulistana: “*Bartolomeu Bueno desempenhou tanto o conceito que se formava do seu valor e disciplina da guerra contra esta canalha, que se recolheu vitorioso, apresentando 3.900 pares de orelhas dos negros, que destruiu em quilombos, sem mais prêmio que a honra de ser ocupado no real serviço, como consta dos acórdãos tomados em Câmara de Vila Rica sobre esta expedição, e o efeito dela para total segurança dos moradores daquela grande capitania*”²³.

¹⁹ AHU-ACL-N- Rio de Janeiro – documento AHU 82129 de 16.12.1759.

²⁰ Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica, Itatiaia/Edusp 1980, tomo I, pp. 21, 39 e 40.

²¹ Ver o mapa em <http://mgquilombo.com.br/imagens/kilombo1.swf>

²² Verbetes n.º 6714 do IMAR/MG, Cx. 84, Doc. 47, do AHU.

²³ Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica, Itatiaia/Edusp 1980, tomo I, p. 276-277.

A) Com a expressão “*esta canalha*”, com o significado de “*esta corja vil, reles, infame, ralé, de velhacos*” que assassinaram barbaramente e vilipendiaram o corpo do nobre paulista José de Almeida Lara, Pedro Taques quis enfatizar o direito de vingança da suposta nobreza paulista de Goiás contra os quilombolas, como o fez uns 18 anos depois, Domingos Rodrigues do Prado no Campo Grande das Minas Gerais.

B) A informação de que Bartolomeu “*destruiu em quilombos, sem mais prêmio que a honra de ser ocupado no real serviço*”, Taques quis enaltecer a nobreza do também paulista Bartolomeu Bueno do Prado que, na verdade, num tempo em que a Capitania de São Paulo deixou de existir politicamente (1748-1765), além de dar continuidade ao seu ofício de assassino, se tornou – a serviço dos reinóis - um traidor de seu próprio povo, pois, nos quilombos dos Sertões do Jacuí (Quilombo do Sapucaí) deve ter matado também a muitos paulistas pobres e mamelucos que nunca aceitaram o abocanhamento do atual Sudoeste de Minas, superando, assim, a abjeção extrema praticada pelo carioca Bento do Amaral Coutinho contra outros mamelucos paulistas no famoso Capão da Traição em dezembro de 1708.

C) A informação de que Bartolomeu Bueno do Prado teria destruído os quilombos “*sem mais prêmio que a honra de ser ocupado no real serviço*” quis atestar mais um atributo de nobreza a esse assassino paulista que, na verdade, além de ter ganhado uma sesmaria²⁴ e distribuído outras na região do primeiro Quilombo do Ambrósio (destruído pelo, então, falecido Antônio João de Oliveira em 1746²⁵), deve ter levado muito ouro pelos negros que ele e sua tropa mataram nos mais de 17 quilombos que atacaram em toda a Confederação Quilombola do Campo Grande, mesmo porque, esses prêmios estavam previstos em lei desde os anos de 1741.

D) A afirmação de que as informações acima constam “*dos acórdãos tomados em Câmara de Vila Rica sobre esta expedição*”, apesar de nunca terem sido confirmadas (pois sempre foram erradamente procuradas em 1751) podem ser verdadeiras, pois, José Antônio Freire de Andrade deixou São João Del Rei, quartel-general da Guerra de 1759, e voltou para Vila Rica pouco antes de 22 de dezembro de 1759²⁶, sendo que, apesar de as tropas de Bartolomeu terem voltado um pouco antes, este, acometido de bexigas²⁷, só ficaria são ao início de 1760, quando saiu com seus parentes para atacar o Quilombo do Cascalho, o último dos quilombos do Campo Grande, que ficava em região da atual cidade de Carmo do Rio Claro.

F) Quanto à expressão “*e o efeito dela para total segurança dos moradores daquela grande capitania*”, acertou também Pedro Taques, pois todas as testemunhas do Processo de Justificação do neto de Bartolomeu Bueno do Prado afirmaram que “*logo que se destruíram os ditos quilombos, ficaram as fábricas de escravos de toda esta*

²⁴ APM SC 129, fls. 99 e v, de 18.12.1760.

²⁵ GFA-24.03.1747; págs. 70/71 e APM SC 90, fls.36v a 37, de 24.03.1747.

²⁶ APM SC 123, fl. 132, de 22.12.1759.

²⁷ APM-SC 130, p. 50 e 50v.

*Capitania em sossego e quando sucede fugirem alguns escravos, por poucos dias tornam para as casas de seus senhores com padrinhos, por não terem por onde se ocultarem, o que não acontecia antecedentemente*²⁸.

G) Não há qualquer razão para se duvidar da afirmação de Pedro Taques de que Bartolomeu “*se recolheu vitorioso, apresentando 3.900 pares de orelhas dos negros, que destruiu em quilombos*”, pelas seguintes evidências:

a) O Quilombo do Campo Grande confederava, no mínimo, 17 quilombos, conforme demonstra o Mapa de Todo Campo Grande desenhado pelo capitão França e confirmam as mais de dez testemunhas do Processo de Justificação do neto de Bartolomeu Bueno do Prado²⁹.

b) Considerando o número de casas em cada quilombo apontado no mesmo mapa e o número de 6 quilombolas por casa, estimamos a população de toda a Confederação entre 9 e 15 mil quilombolas. Diogo de Vasconcelos estimou em 20 mil quilombolas. A população apenas dos Sertões do Jacuí (Sapucaí) seria de no mínimo 7 mil quilombolas.

c) Evidente que a expressão “*negros, que destruiu em quilombos*”, significa negros que Bartolomeu Bueno matou nos quilombos do Campo Grande. Assim, os 3.900 pares de orelhas significam 3.900 quilombolas mortos por Bartolomeu Bueno do Prado. Esse número de mortos significaria 26% de 15 mil ou 56% de 7 mil quilombolas.

d) Evidente que a informação prestada pelo governador José Antônio às câmaras das vilas em setembro de 1759, confrontadas com aquelas que prestou a seu irmão Gomes Freire em dezembro de 1759 são informações falsas, como atestam as informações prestadas pelo próprio Bartolomeu Bueno do Prado a José Antônio em setembro e outubro desse mesmo ano.

e) O próprio executor das chacinas, Bartolomeu Bueno do Prado, sobre a matança que procedeu no Quilombo da Pernaíba, onde havia pelo menos mil quilombolas, informou por escrito a José Antônio que “*na madrugada do dia sete (setembro) demos a abalroada, donde havia monstruosidade de cachorros e, como se achavam os ditos negros no mato, entre derrubada e tão expresso, fomos sentidos dos cachorros e, sendo sentidos, avançamos na melhor forma que pudemos, donde ficaram os ditos negros destruídos entre mortos e vivos, acabados uns caindo pelos rios chumbados e alguns muito poucos*” escaparam³⁰. Sobre o Quilombo do Bambuí Bartolomeu escreveu que, dos mais de 900 quilombolas ali existentes, “*estava um fedil (sic) por todo o mato, daqueles mortos que se não acharam os corpos, senão por mostrá-los os corvos que os andavam comendo e, outros, no rio Bambuí, servindo-lhes o dito rio de sepultura, escapando muito poucos ou nenhum da morte*”³¹. Ou seja, teria matado

²⁸ Verbete nº 11295 do IMAR-MG, Cx. 155, Doc. 7, AHU, 09.12.1800.

²⁹ <http://www.mgquilombo.com.br/site/Artigos/Pesquisas-Escolares/quilombos-do-campo-grande-e-sertes-do-jacu.html>

³⁰ BMBCA-CSJR-PAP 144, fls. 68v-69, de 13.09.1759.

³¹ BMBCA-CSJR-PAP 144, fls. 69-70, de 07.10.1759.

quase 100% dos quilombolas desse quilombo. Ora, se nesses dois quilombos Bartolomeu Bueno do Prado e suas tropas mataram quase 100% dos quilombolas, por que não teriam feito o mesmo nos demais quilombos da Confederação do Campo Grande? Evidente, pois, que os 3.900 pares de orelhas noticiados por Pedro Taques devem se referir apenas aos quilombolas que Bartolomeu teria matado pessoalmente.

f) A maioria das testemunhas do Processo de Justificação do neto de Bartolomeu Bueno do Prado, disseram que sabiam das batalhas do Campo Grande e Sertões do Jacuí “por ver”, ou seja, porque estiveram presentes e participaram dos ataques aos quilombos. Uma delas, “*Sebastião Pimenta Ribeiro, homem branco, casado, morador na freguesia das Lavras onde vive de sua lavoura, de idade de setenta*” e tantos anos, perguntando porque sabia que o justificante era quarto neto de Amador Bueno da Ribeira, respondeu que era “*pela razão de achando-se ele testemunha há muitos anos (antes de 1775) na cidade de São Paulo e na diligência de uma Inquirição de Gêner (busca genealógica sobre alguém) e, procurando saber certa circunstância ao sargento-mor Pedro Taques, este mostrou a ele testemunha um livro donde contava a ascendência da família do justificante, além de ser notório*”³². Portanto, Pedro Taques conversou pessoalmente com uma testemunha ocular de todo o genocídio praticado contra os quilombolas do Campo Grande. Evidente que ficou sabendo de tudo o que teria acontecido naquelas batalhas. Portanto, onde é que estão os argumentos daqueles que sempre tentaram negar até mesmo essa notícia dos 3.900 pares de orelha que nos foi legada pelo historiador e linhagista Pedro Taques?

Como estamos noticiando há quase trinta anos, as supressões, mutilações, distorções e falsificações de documentos – a exemplo da suposta viagem de Pamplona e da suposta Carta da Câmara de Tamanduá à Rainha - levaram a erro gerações e gerações de historiadores e permitiram ao monarquismo-reverencial e ao racismo nadarem de braçadas na manutenção da ideia de que os negros sempre foram subservientes e que somente foram remidos da escravidão pela bondade da princesa Isabel, a redentora – insinuando que, caso contrário, seriam escravos até hoje.

Curiosamente, os mesmos historiadores e sociólogos que, ainda nos dias de hoje, louvam os duvidosos feitos do mentiroso Inácio Correia Pamplona e acreditam piamente nas contradições e falsidades contidas na suposta carta da Câmara de Tamanduá à Rainha (1793) são os mesmos que, entre outras alienações, ainda repetem as mesmas falsas contestações contra a informação dos 3.900 pares de orelhas imortalizada pelo historiador e genealogista, Pedro Taques de Almeida Pais Leme. Espero que com as informações aqui documentadas, os alunos e orientandos desses obscurantistas se rebelem contra essa anencefalia crônica e os ensinem que não há demérito em reconhecer os erros passados. Mesmo porque, depois da Constituição Federal de 1988, não há mais tolerância aos crimes de falsidade ideológica, falsa

³² Verbete nº 11295 do IMAR-MG, Cx. 155, Doc. 7, AHU, 09.12.1800, rolo 140, página 119-a.

perícia e prevaricação contra o mais importante de todos os bens culturais imateriais: A HISTÓRIA; no caso, a História do Negro em Minas Gerais.

Sugerimos, entre outras, as seguintes matérias no site do MGQUILOMBO:

QUILOMBO DO AMBRÓSIO: O IPHAN ACEITOU CONVERSAR

<http://www.mgquilombo.com.br/site/Artigos/bens-quilombolas-materias-e-imateriais/quilombo-do-ambrosio-o-iphan-aceitou-conversar.html>

E

QUILOMBO DO CAMPO GRANDE E TRIÂNGULO MINEIRO:

Histórias Roubadas do Povo

<http://www.mgquilombo.com.br/site/Multimedia/vdeos/quilombo-do-campo-grande-e-triangulo-mineiro-historias-roubadas-do-povo.html>

Este historiador tem endereço, sites, e-mail e telefone. Nunca foge ao debate e continua sempre à disposição para informar e repassar, gratuitamente, sem burocracia e sem custo, todas as informações e documentos que vem colecionando há mais de 30 anos de estudos à História do Negro em Minas Gerais. 11 de novembro de 2015.

Tarcísio José Martins

Advogado aposentado OAB/SP 77.521

Historiador, membro efetivo do IHGMG

Cadeira nº 92 – Teodoro Sampaio